

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

O Inimigo

(adaptação de *O Inimigo do Povo* de Ibsen)

Visões Úteis, 2004

PERSONAGENS

Dr. Tomás Sequeira – Médico das Termas

Elisa Sequeira – Presidente da Câmara, irmã do Dr. Sequeira

Conceição David – Comerciante, Presidente da Associação dos Comerciantes

Torres – Director do “Correio do Cidadão”

Petra – Filha do Dr. Sequeira, professora

PRÓLOGO

Na Assembleia de Cidadãos. As personagens (excepto Petra) estão em cena, ocupando as suas posições. Petra entra, trazendo um jarro cheio de água e um copo. Serve água a cada uma das personagens, que a bebem. Quando serve a água ao pai, ele volta a despejá-la no jarro. Petra vai a sair, Elisa impede-a e pede mais água. Petra serve-lhe um copo cheio. Elisa bebe e devolve-lhe o copo. Petra sai.

CENA I

Elisa Sequeira – Tendo em conta a relação próxima que, como todos vocês sabem, me une ao actual médico das Termas eu teria preferido não falar esta noite. Mas as minhas obrigações oficiais para com as Termas bem como o meu empenho nos interesses vitais da cidade compelem-me a apresentar uma moção. Eu atrevo-me a presumir que nenhum dos nossos cidadão aqui presentes considera desejável que se espalhem relatos infundados e exagerados acerca das Termas e da cidade. No meu comunicado à imprensa expus ao público os factos essenciais para que qualquer cidadão sensato possa formar facilmente a sua opinião. Nesse comunicado poderão perceber que a principal consequência das propostas do médico das Termas - para além de constituírem um voto de censura aos governantes desta cidade – seria sobrecarregar os contribuintes com uma despesa desnecessária de vários milhões de Euros. E assim gostaria de propor que esta assembleia não permitisse ao médico das Termas ler ou sequer comentar o documento que aqui nos vinha apresentar.

Dr. Tomás Sequeira – Eu gostava de ter visto alguém, aqui há alguns dias atrás, a atrever-se a tentar silenciar-me como está a ser feito aqui esta noite. Teria defendido os meus direitos sagrados de Homem como um leão. Mas agora isso pouco me importa; Eu tenho uma coisa ainda mais importante para vos dizer. Não há dúvida que nós somos o animal mais refinado que se poderia imaginar; mas, mesmo entre os humanos, são raros os animais realmente excepcionais. Existe uma diferença tremenda entre um animal bem criado e um animal mal-criado. Pensem, por exemplo, numa galinha de aviário. Que proveito é que se tira de um bicho inchado e informe como esse? Nada de jeito. E que tipo de ovos é que põe? Até um canário numa gaiola punha um ovo melhor. Mas agora pensem numa galinha criada em liberdade, ou num bom faisão ou até num peru. E aí vão ver a diferença. Vejamos agora o exemplo dos cães. Pensem primeiro num vulgar rafeiro – estou mesmo a falar daqueles rafeiros horríveis, de pêlo gasto, daqueles mais rafeiros de todos que não fazem nada senão correr pelas ruas e sujar os passeios. Comparem um destes rafeiros com um cão de raça cujos antepassados há muitas gerações são criados em casas de bem onde tiveram sempre a melhor

alimentação e a oportunidade de ouvir vozes suaves e música. Não acham que o cérebro do cão de raça se desenvolve melhor do que o do cão rafeiro? Claro que sim. E são os cachorros destes cães de raça bem criados que são treinados para fazer habilidades incrivelmente inteligentes – coisas que o rafeiro comum nunca aprenderia por muito que tentasse. E o mais engraçado disto tudo é que vocês até concordam comigo desde que estejamos a falar de animais de quatro patas, mas assim que estendo o princípio a animais de duas pernas vocês dão meia volta e proclamam que o indivíduo comum, o elemento ignorante e incompleto da comunidade, tem tanto direito a opinar e a aprovar, a dirigir e a governar como as individualidades intelectualmente superiores dessa mesma comunidade.

(Ouvem-se protestos e agitação na assembleia)

Dr. Sequeira – Sejam razoáveis. Será que não aguentam ouvir a voz da verdade uma vez na vida?

CENA II

(Na casa do Dr. Sequeira)

Torres – Boa noite, Sr^a Presidente.

Elisa Sequeira - Boa noite. Está aqui em trabalho, com certeza?

Torres – Em parte. Trata-se de um artigo para o jornal.

Elisa Sequeira – Já calculava. Ouvei dizer que o meu irmão se tornou num colaborador assíduo do seu jornal.

Torres – Sim. Ele tem a delicadeza de escrever no “Correio do Cidadão” sempre que tem algumas verdades para dizer.

Elisa Sequeira – Pois, pois... Eu não o censuro de modo algum por se dirigir, enquanto escritor, aos quadrantes onde mais facilmente pode encontrar empatia e, para além disso, eu pessoalmente não tenho qualquer má vontade para com o seu jornal, senhor Torres.

Torres – Com certeza.

Elisa Sequeira – Se formos a ver bem há um excelente espírito de tolerância na cidade – um espírito municipal agradável. E nasce tudo do grande interesse comum que nos une a todos. Um interesse que diz respeito a qualquer cidadão sensato.

Torres – As Termas, claro.

Elisa Sequeira – Exactamente. As nossas novas e belas Termas. Atente no que lhe digo, Sr Torres – as Termas vão tornar-se no centro da vida da nossa cidade! E não tenha dúvida! Pense no nosso extraordinário desenvolvimento no último ano ou dois. O dinheiro não pára de entrar e há vida e negócios. O valor das casas e dos terrenos não pára de subir.

Torres – E o desemprego está a diminuir.

Elisa Sequeira – Sim, isso também. Pudemos baixar os impostos municipais para grande alívio dos proprietários. E esse alívio ainda vai ser maior se conseguirmos ter um bom Verão, com muitos visitantes – imensos doentes que façam com que as Termas sejam faladas.

Torres – E ouvi dizer que há boas perspectivas disso.

Elisa Sequeira – Está promissor. Todos os dias nos pedem informações sobre casas para alugar e esse tipo de coisas.

Torres – Bom, então o artigo do Dr. vem mesmo a calhar.

Elisa Sequeira – Ele escreveu alguma coisa ultimamente?

Torres – Sim, sim... é uma coisa que ele escreveu no Inverno; uma recomendação das Termas – um relato acerca das excelentes condições sanitárias. Mas retive o artigo temporariamente.

Elisa Sequeira – Ah. Surgiu algum problema, não foi?

Torres – Não, de modo algum; achei que era melhor esperar pela Primavera porque é nesta altura que as pessoas começam a pensar seriamente nas férias do Verão.

Elisa Sequeira – Certo, certo, tem toda a razão, Sr. Torres.

Torres – Sim, o Dr. é realmente incansável quando se trata das Termas.

Elisa Sequeira – Bem, ele sempre é o médico das Termas.

Torres – Sim, mas mais do que isso, é a ele que devemos a existência das Termas.

Elisa Sequeira – A ele? A sério? Eu realmente já tinha ouvido que algumas pessoas eram dessa opinião. Mas ainda assim pensava que eu tinha tido uma modesta contribuição no empreendimento.

Torres – Mas ninguém o nega, Sr^a Presidente. Foi a Sr^a que pôs tudo a andar e tratou dos assuntos práticos; todos sabemos disso. Eu só quis dizer que a ideia inicial foi do Dr.

Elisa Sequeira – Oh, ideias sim! O meu irmão teve muitas no seu tempo... infelizmente. Mas quando se trata de pôr as ideias em prática é preciso recorrer a alguém com outra têmpera, Sr. Torres.

(Torres sai. Entra Dr. Sequeira)

Dr. Sequeira – Ah, és tu Elisa? Olha que bom.

Elisa Sequeira – Infelizmente já não posso ficar muito tempo.

Dr. Sequeira – Disparate! Fica e bebe qualquer coisa.

Elisa Sequeira – Obrigada, mas já é muito tarde. Nunca bebo a esta hora.

Dr. Sequeira – Oh, não leves tudo tão à letra, Elisa. Sabes, sinto-me tão feliz, tão contente. Acho que é um privilégio estar no meio de todo este fervilhar, de toda esta vida. Que tempos esplêndidos os que vivemos. É como se todo um novo mundo estivesse a ser criado à nossa volta.

Elisa Sequeira – Achas mesmo?

Dr. Sequeira – Eu sei, eu sei, isto não é propriamente uma grande cidade. Mas aqui há vida, há futuro, há imensas coisas pelas quais trabalhar e lutar, e isso é o mais importante. E depois ter conforto, Elisa. Poder viver como um Lord.

Elisa Sequeira – Se te podes dar a luxos...

Dr. Sequeira – Sim, agora posso. Ganho quase tanto como gasto.

Elisa Sequeira – Quase tanto... pois.

Dr. Sequeira – Mas um homem de ciência tem que viver com algum estilo. De qualquer forma asseguro-te que não desperdiço dinheiro à toa. Mas não consigo renunciar ao prazer de receber os meus amigos. Preciso disso, sabes? Para mim é uma necessidade vital estar com pessoas com ideias novas, homens ambiciosos, mentes livres e activas. Devias conhecer melhor o Torres.

Elisa Sequeira – Por falar nisso, o Torres estava a dizer-me que ia publicar outro artigo teu.

Dr. Sequeira – Um artigo meu?

Elisa Sequeira – Sim, sobre as Termas. Um artigo que escreveste no Inverno.

Dr. Sequeira – Ah, esse! Não, eu não quero que ele saia, pelo menos para já.

Elisa Sequeira – Porque não? Parece-me que este é o momento oportuno.

Dr. Sequeira – Sim, seria... em condições normais.

Elisa Sequeira – Há alguma coisa de anormal nas condições actuais?

Dr. Sequeira – Para te dizer a verdade, Elisa, neste momento não te sei dizer... pelo menos esta noite. Pode ser que exista algo de muito anormal nas condições actuais... e é possível que não haja nada de anormal. É muito possível que seja só imaginação minha.

Elisa Sequeira – Bem, isto soa-me tudo muito misterioso. Passa-se alguma coisa que eu não deva saber? Pensava que eu, como Presidente do Conselho de Administração das Termas-

Dr. Sequeira – E eu pensava que eu, como- Oh, vá lá Elisa, não nos vamos pegar.

Elisa Sequeira – Deus me livre! Eu não tenho o hábito de me pegar com as pessoas, como tu dizes. Mas tenho o direito de exigir veementemente que todos os assuntos sejam conduzidos de forma profissional através dos canais próprios e sejam entregues às autoridades legalmente constituídas. Não posso tolerar qualquer tipo de manobras de bastidores.

Dr. Sequeira – Mas eu alguma vez fiz alguma coisa nas tuas costas?

Elisa Sequeira - A verdade é que tens uma tendência incorrigível para fazeres as coisas à tua maneira, e isso é quase a mesma coisa numa comunidade que se quer ordeira. Um indivíduo tem de aceitar submeter-se à comunidade. Ou, para ser mais exacta, às autoridades que cuidam do bem-estar da comunidade.

Dr. Sequeira – Com certeza. Mas que raio é que isso tem a ver comigo?

Elisa Sequeira- Isso é precisamente o que tu te recusas a aprender, meu querido Tomás. Mas, atenta nas minhas palavras, um dia ainda hás-de sofrer por isso, mais cedo ou mais tarde. Estou a avisar-te. Adeus.

Dr. Sequeira – Perdeste o juízo? Estás redondamente enganada.

Elisa Sequeira – Não costumo estar. Agora vais-me desculpar mas... Boa noite.

(Sai Elisa. Entra Torres)

Torres – A nossa Presidente não estava lá muito bem disposta.

Dr. Sequeira – É do estômago. Tem problemas de digestão.

Torres – Parece-me que é o “Correio do Cidadão” que ela não consegue digerir.

Dr. Sequeira – Lembre-se que a Elisa é uma mulher solitária, coitada. Tem uma vida espartana, é só trabalho, trabalho. E depois é aquela michórdia de chá que ela passa a vida a beber. A propósito, vamos beber qualquer coisa? (Bebem) Vai sair alguma coisa de interessante na edição de amanhã?

Torres – Nada de relevante sobre a cidade. Mas depois de amanhã estava a pensar em publicar o seu artigo.

Dr. Sequeira – Ah, diabos o levem, o meu artigo! Oiça, isso vai ter que esperar um bocado.

Torres – Não me diga? Logo agora que parecia a melhor altura?

Dr. Sequeira – Sim, sim, provavelmente tem razão; ainda assim vai ter que esperar. Eu depois explico-lhe.

(Petra entra)

Petra – Boa noite!

Dr. Sequeira – Boa noite, Petra, chega aqui.

Petra – Vocês aqui a divertirem-se e eu a trabalhar que nem uma moura.

Dr. Sequeira – Então junta-te a nós.

Torres – Quer que lhe prepare uma bebida?

Petra – Obrigada mas é melhor ser eu. As suas são muito fortes. Mas já me esquecia, pai, tenho uma carta para ti.

Dr. Sequeira – Uma carta? De quem?

Petra – O carteiro deu-ma quando ia a sair.

Dr. Sequeira – E só agora é que me dizes?

Petra – Não tinha tempo para voltar para trás. Toma.

Dr. Sequeira – Deixa ver, deixa ver... Sim, é isto mesmo (*O Dr. afasta-se*).

Petra – Pobre pai. Ainda se mata a trabalhar. (*Serve-se de uma bebida*) Ah, isto vai saber-me bem.

Torres - Esteve outra vez a dar aulas à noite?

Petra – Duas horas.

Torres – E mais quatro horas de manhã.

Petra – Cinco.

Torres – E pelo que vejo ainda tem exercícios para corrigir.

Petra – É, uma pilha deles.

Torres – Então também está cheia de trabalho...

Petra – Sim... mas ainda bem. Uma pessoa depois fica tão deliciosamente cansada.

Torres – E isso é bom?

Petra – Sim, porque depois dorme-se tão bem. (*pausa*) Se eu ao menos tivesse como, fundava a minha própria escola. E seria dirigida de um modo bem diferente. Há tanta falsidade. Na escola temos que estar ali a dizer mentiras às crianças.

Torres – Mentiras?

Petra – Sim, ou não acha que temos de ensinar uma data de coisas em que não acreditamos?

Torres – Oh, menina Petra, pelo que vejo tinha mais inclinação para o jornalismo. Por falar nisso, teve tempo para fazer alguma coisa com aquele conto inglês que me prometeu traduzir?

Petra – Não, ainda não, mas há-de tê-lo a tempo.

(Dr. Sequeira regressa)

Dr. Sequeira – Bom, agora é que a cidade vai ter uma coisa nova para falar, digo-vos eu.

Petra – Uma coisa nova?

Dr. Sequeira – Uma grande descoberta, Petra.

Torres – A sério?

Petra – Uma descoberta tua?

Dr. Sequeira – Uma descoberta minha. Agora que me venham dizer, como costumam, que é tudo manias e imaginação de um louco. Desta vez vão ter cuidado com o que dizem, digo-vos eu.

Petra – Mas, pai, diz, o que é?

Dr. Sequeira – Sim, sim, só um momento e já vão perceber tudo. Se a Elisa aqui estivesse agora... Isto só mostra como nós homens andamos por aí a formular juízos quando na realidade somos cegos como toupeiras.

Torres – Onde é que quer chegar, Dr.?

Dr. Sequeira – Não é opinião geral que a nossa cidade é um lugar saudável?

Torres – Com certeza.

Dr. Sequeira – Um lugar até invulgarmente saudável – um lugar que merece ser recomendado da forma mais calorosa possível tanto para doentes como para pessoas que estão bem. E nós temos vindo a recomendá-lo e a louvá-lo. Eu fartei-me de escrever tanto no jornal como em panfletos.

Torres – Bem, e então?

Dr. Sequeira – E então... as Termas – nós chamámo-lhes a “principal artéria da vida da vida pulsante da cidade” e o “centro nevrálgico da cidade” e sabe Deus mais o quê. Bem, vocês sabem o que é que elas são realmente? Estas Termas tão maravilhosas, tão esplêndidas, tão louvadas, que custaram tanto dinheiro – sabem o que é que elas são?

Torres – Não, o que é que são?

Dr. Sequeira – Aquilo tudo é um poço de infecções!

Petra – As Termas, pai?

Torres – Mas, Dr....

Dr. Sequeira – Todo o estabelecimento termal não passa de um belo sepulcro envenenado. O pior perigo para a saúde pública que se pode imaginar. Todas aquelas descargas das fábricas, toda aquela porcaria malcheirosa, está a infectar a água das condutas que levam ao reservatório.

Petra – E depois vai parar às Termas.

Dr. Sequeira – Exactamente.

Torres – E como é que descobriu isso, Dr.?

Dr. Sequeira – Investiguei este assunto com muito cuidado. Há já muito tempo que suspeitava de algo deste género. No ano passado tivemos vários casos estranhos de doença entre os visitantes – febres, problemas gástricos... - na altura pensámos que essas pessoas já estavam infectadas quando chegavam; mas depois, no Inverno, comecei a mudar de opinião, e dispus-me a examinar a água o melhor que podia.

Petra – Então é com isso que tens andado ocupado.

Dr. Sequeira - Realmente tenho andado muito ocupado, Petra. Mas aqui não tinha os meios necessário, por isso enviei amostras para um laboratório, tanto da água que bebemos como da água das Termas para ter uma análise detalhada e avalizada.

Torres – E já recebeu os resultados?

Dr. Sequeira – Cá estão eles. Isto prova que existe matéria orgânica em decomposição nas águas. Qualquer tipo de utilização desta água, quer interno quer externo, é absolutamente perigoso.

Torres – E o que é que propõe fazer agora, Dr.?

Dr. Sequeira – Corrigir a situação, naturalmente.

Torres – E isso pode ser feito?

Dr. Sequeira – Isso tem de ser feito. Caso contrário as Termas são inúteis e um completo desperdício. Mas nem sequer vamos pensar nisso. Eu tenho uma ideia muito clara do que é preciso fazer.

Petra – Mas porque é que mantiveste isto em segredo?

Dr. Sequeira – Achas que ia andar por aí a espalhar boatos antes de ter certeza absoluta? Não, obrigado. Eu não sou maluco. Eu sei que muita gente acha que eu sou tolo, já reparei. Mas agora toda essa boa gente vai ver – agora é que eles vão ver. Isto vai ser lindo, Petra, nem imaginas como. A posição das condutas vai ter que ser toda alterada.

Torres – Das condutas todas?

Dr. Sequeira – Claro! Estão a uma cota demasiado baixa, vão ter de ser colocadas numa posição mais elevada.

Petra – Então sempre tinhas razão!

Dr. Sequeira – Ah, tu lembras-te, Petra. Eu escrevi a opôr-me aos planos ainda antes de a construção ter começado. Mas na altura ninguém me ouviu. Olha, vão ter que me ouvir agora! É claro que eu já tenho um relatório preparado para o Conselho de Administração; já o tinha preparado há uma semana, estava só à espera que isto chegasse. (*mostra o relatório*) Olhem para isto! Vai seguir imediatamente uma cópia para a Presidente da Câmara.

Petra – O que é que achas que a tia Elisa vai dizer?

Dr. Sequeira – O que é que ela pode dizer? Acho que vai ficar muito contente por se ter descoberto a verdade.

Torres – Autoriza-me a publicar uma pequena nota sobre a sua descoberta?

Dr. Sequeira – Ficaria muito agradecido se o fizesse.

Torres – É muito importante que o público seja informado disto quanto antes. Dr., o senhor vai ser o homem mais importante da cidade!

Dr. Sequeira – (*contente*) Disparate! Não fiz mais do que o meu dever. Foi um acaso feliz, é tudo. Mas, ainda

assim...

Torres – Vou propor que a cidade lhe preste algum tipo de homenagem.

Dr. Sequeira – Não, meu caro amigo, nada desses disparates. Nem quero ouvir falar nisso. E se o Conselho de Administração das Termas me quiser promover eu não vou aceitar.

Petra – *(erguendo o copo)* À tua saúde, pai!

Torres – À sua, Dr.! À sua!

Dr. Sequeira – Obrigado, obrigado. Estou tremendamente feliz. É esplêndido um homem poder sentir que prestou serviço à sua cidade natal e aos seus concidadãos. Petra! *(agarra a filha e rodopia com ela. Ela protesta. Risos e aplausos)*

CENA 2

(No laboratório)

Petra – Entorne devagar uma porção devagar do interior de uma lata ou outro recipiente sem reentrâncias. Observe como a água insiste em escorregar pelo lado do recipiente em vez de cair directamente do bordo. Porque será que isto acontece? E o que é que determina a distância que a água percorre agarrada à parede do recipiente antes de cair?

CENA 3

(Casa do Dr. Sequeira, outro dia. Dr. Sequeira barbeia-se. Entra Torres)

Torres – Pode-me dispensar-me uns minutos, Dr.?

Dr. Sequeira – O tempo que quiser, meu caro.

Torres – Já teve notícias da Presidente da Câmara?

Dr. Sequeira – Ela vai passar cá mais tarde.

Torres – Pensei muito neste assunto, desde ontem à noite.

Dr. Sequeira – E então?

Torres – Do seu ponto de vista, como médico e homem da ciência, este assunto do abastecimento de água é um problema isolado. Quer dizer, o senhor não se dá conta que isto envolve muitos outros aspectos.

Dr. Sequeira – Em que sentido? Vamos sentar-nos. (*sentam-se*) E então, estava a dizer?

Torres – O senhor ontem disse que a poluição da água se devia a impurezas que contaminam o solo.

Dr. Sequeira – Sim, sem dúvida que se deve àquela porcaria venenosa das descargas industriais.

Torres – Peço desculpa Dr., mas eu acho que se deve a outro tipo de porcaria.

Dr. Sequeira – Mas qual?

Torres – A porcaria sobre a qual assenta e apodrece toda a vida da nossa cidade.

Dr. Sequeira – Mas onde raio é que você quer chegar, Torres?

Torres – Os destinos da cidade caíram a pouco e pouco na mão de um bando de tecnocratas.

Dr. Sequeira – Oh, vá, nem todos são tecnocratas.

Torres – Não, mas os que não são, são amigos ou comparsas. São os ricos, as velhas famílias da cidade que nos têm nas suas mãos.

Dr. Sequeira – Sim, mas de qualquer forma são pessoas competentes e experientes.

Torres – Eles demonstraram alguma competência ou experiência quando colocaram as condutas onde elas estão?

Dr. Sequeira – Não. Claro que foi uma grande estupidez da parte deles. Mas isso agora vai ser corrigido.

Torres – Acha que vai ser assim tão fácil?

Dr. Sequeira – Fácil ou não, vai ter de ser feito de qualquer maneira.

Torres – Desde que a imprensa esteja em cima do assunto.

Dr. Sequeira – Acho que isso não vai ser necessário, meu amigo. Tenho a certeza que a minha irmã-

Torres – Desculpe Dr., devo dizer-lhe que me sinto inclinado a tomar o assunto em mãos.

Dr. Sequeira – No jornal?

Torres – Sim. Quando fiquei à frente do “Correio do Cidadão” a minha intenção era acabar com este compadrio de velhos fósseis pseudo-esclarecidos que domina a cidade.

Dr. Sequeira – Olhe que você próprio me disse qual tinha sido o resultado disso. Quase arruinou o seu jornal.

Torres – Sim , na altura fomos obrigados a dar uns quantos passos atrás, é verdade. Porque havia o perigo de todo o projecto das Termas fracassar se não tivéssemos o apoio dessa gente. Mas agora que a obra está feita, podemos dispensar esses senhores.

Dr. Sequeira – Dispensá-los sim, mas temos para com eles uma grande dívida de gratidão.

Torres – Isso será reconhecido sem ressentimentos, mas um jornalista com as minhas convicções democráticas não pode deixar escapar uma oportunidade destas. O mito da autoridade infalível deve ser destruído. É uma superstição que tem de acabar, como qualquer outra.

Dr. Sequeira – Estou consigo de pedra e cal. Se é uma superstição, fora com ela.

Torres – Eu não gostava nada de envolver a Presidente da Câmara nisto, porque ela é sua irmã. Mas com certeza vai concordar comigo que a verdade deve ser a nossa prioridade.

Dr. Sequeira – Isso nem se discute. *(com ênfase súbito)* Sim, mas... mas...

Torres – Não me interprete mal. Eu não sou nem mais egoísta nem mais ambicioso que qualquer outra pessoa.

Dr. Sequeira – Meu caro amigo, ninguém sugeriu isso.

(Entra Conceição David)

Conceição David – Dá-me licença, doutor?

Dr. Sequeira – É você, Conceição?

Torres – Vinha à minha procura, Conceição?

Conceição – Não, nem sabia que o ia encontrar aqui. Era com o Dr. que eu-

Dr. Sequeira – Estou à sua disposição. O que é que se passa?

Conceição David – É verdade o que eu ouvi, Dr.? Que pretende fazer melhorias no abastecimento de água?

Dr. Sequeira – Sim, para as Termas.

Conceição David – Com certeza, estou a ver. Bem, vinha dizer-lhe que o vou apoiar com todos os meios ao meu alcance.

Torres – Está a ver?

Dr. Sequeira – Fico muito agradecido, mas-

Conceição David – Porque não será má ideia ter-nos a nós, pequenos comerciantes, ao seu lado. Nós formamos, por assim dizer, a maioria compacta da cidade - se quisermos. E é sempre bom ter a maioria consigo, Dr..

Dr. Sequeira – Isso é verdade. Mas confesso que não vejo o porquê destas precauções todas. Parece-me que um assunto tão simples, tão claro-

Conceição David – Mas ainda assim pode dar jeito. Eu conheço muito bem as nossas autoridade locais; de um modo geral não reagem muito bem a propostas externas. É por isso que penso que não seria despropositado se fizéssemos uma pequena manifestação.

Torres – Bem visto.

Dr. Sequeira – Uma manifestação? Mas a que propósito é que vão fazer uma manifestação?

Conceição David – É claro que vamos actuar com a maior das moderações. A moderação é sempre o meu objectivo. É a maior virtude num cidadão – pelo menos é a minha opinião.

Dr. Sequeira – Todos sabemos que essa é uma característica sua, Conceição.

Conceição David – Acho que me posso orgulhar disso. E este assunto do abastecimento da água é da maior importância para nós, pequenos comerciantes. As Termas prometem ser uma mina de ouro para a cidade. Vamos todos viver à conta delas. Especialmente aqueles entre nós que são senhorios. É por isso que apoiaremos o projecto com todo o nosso empenho. E como eu sou actualmente a Presidente da Associação dos Comerciantes...

Dr. Sequeira – Sim...?

Conceição David – Como pode compreender estou em contacto com um grande número de pessoas. E como tenho a reputação de ser uma cidadã exemplar – tal como o senhor, Dr. - tenho uma certa influência na cidade, algum poder, se me é permitido dizê-lo.

Dr. Sequeira – Sei disso perfeitamente, Conceição.

Conceição David – Como vê, ser-me-ia fácil organizar uma pequena homenagem, se necessário.

Dr. Sequeira – Homenagem?

Conceição David – Sim, algum tipo de reconhecimento dos cidadãos pelo seu empenho numa matéria de tão grande importância para a comunidade. Escusado será dizer que tudo teria de ser tratado com a maior moderação, de modo a não ofender as autoridades... que apesar de tudo são quem detém o poder. Se tivermos isso em consideração, ninguém pode levar isto a mal, penso eu.

Torres – Bem, e mesmo que levem-

Conceição David – Não, não, não; não pode haver falta de cortesia para com as autoridades, senhor Torres. Mas ninguém se vai opor a uma expressão franca e razoável do ponto de vista dos cidadãos.

Dr. Sequeira – Nem imagina, a alegria que me dá ter um apoio tão caloroso dos meus concidadãos. Estou maravilhado. E agora, aceita uma bebida?

Conceição David – Obrigada, Dr., mas ainda é muito cedo. Eu nunca bebo a esta hora. (*pausa*) Bem... vou

andando para falar com algumas pessoas, começar a preparar o terreno.

Dr. Sequeira – É muita bondade sua, Conceição, mas realmente não percebo a necessidade de todas estas precauções. Parece-me que a coisa vai andar por si.

Conceição David – As autoridades são um pouco lentas, Dr.. Longe de mim criticá-las-

Torres – Na edição de amanhã vamos dar-lhes um empurrãozinho.

Conceição David – Mas sem violência, Sr. Torres. Actue com moderação ou não consegue nada. E siga o meu conselho, eu aprendi muito na escola da vida. Bem, tenho que me despedir, Dr.. Já sabe que tem os pequenos comerciantes atrás de si, como uma parede sólida. A maioria compacta está do seu lado, Dr..

Dr. Sequeira – Fico-lhe muito agradecido, Conceição. Adeus.

Conceição David – Vai para os meus lados, Sr. Torres?

Torres – Mais tarde, ainda tenho uma coisa a tratar.

Conceição David – Muito bem.

(Conceição David sai)

Torres – Então, o que é que acha disto, Dr.? Não acha que já vai sendo altura de injectarmos alguma vida em toda esta cobardia e hesitação e frouxidão?

Dr. Sequeira – Está a falar da Conceição David?

Torres – É mais uma dos que andam a patinhar na lama, por muito boa pessoa que seja. Eu gostava de me livrar dela mas não conheço mais ninguém disposto a financiar o jornal. E a maior parte das pessoas daqui são exactamente como ela; uns troca-tintas tão cheios de cautelas e escrúpulos que nunca se atrevem a dar um passo decidido.

Dr. Sequeira – Sim, mas a Conceição David parece-me tão bem intencionada.

Torres – Mas há uma coisa que eu prezo muito mais do que isso: auto confiança e determinação.

Dr. Sequeira – Aí dou-lhe razão.

Torres – É por isso que eu quero agarrar esta oportunidade. A ver se por uma vez consigo pôr alguma pujança nestas pessoas bem intencionadas. O ídolo da autoridade tem de ser despedaçado nesta cidade. Esta imensa e indesculpável asneirada com o abastecimento da água tem de ficar clara na cabeça de todos os eleitores.

Dr. Sequeira – Muito bem. Se acha que é para o bem da comunidade, assim seja. Mas não antes de eu ter uma conversa com a minha irmã.

Torres – De qualquer modo eu vou preparando um editorial, e se a Presidente se recusar a dar seguimento ao assunto-

Dr. Sequeira – Como é que você pode sequer imaginar uma coisa dessas?

Torres – É possível, e nesse caso-

Dr. Sequeira – E nesse caso, prometo-lhe... Olhe, nesse caso pode publicar o meu relatório, palavra, por palavra.

Torres – Posso? Dá-me a sua palavra?

Dr. Sequeira – (*entregando-lhe o relatório*) Aqui está. Leve-o consigo. Não lhe faz mal nenhum lê-lo e depois pode devolver-mo mais tarde.

Torres – Ótimo, ótimo. É isso que eu vou fazer. Adeus então, Dr..

Dr. Sequeira – Adeus, adeus. Vai ver que vai correr tudo bem, Sr. Torres, vai ver.

Torres – Mhm! Veremos.

(*Torres sai e entra Petra*)

Dr. Sequeira – Oh, já chegaste, Petra?

Petra – Sim, estou a chegar da escola. A Tia Elisa ainda não veio cá?

Dr. Sequeira – Não, mas tive uma longa conversa com o Torres. Ele está muito entusiasmado com a minha descoberta, parece-me que tem um alcance ainda maior do que eu tinha imaginado ao princípio. E pôs o

jornal à minha disposição para o caso de ser preciso.

Petra – Achas que vai ser preciso?

Dr. Sequeira – Nem pensar. Mas de qualquer modo fico orgulhoso por saber que tenho a imprensa independente do meu lado. Sim, e imagina tu que tive uma visita da Presidente da Associação de Comerciantes.

Petra – Ah, e o que é que ela queria?

Dr. Sequeira – Oferecer-me também o seu apoio. Posso contar com o seu apoio institucional se for preciso.

Petra, sabes o que é que eu tenho atrás de mim?

Petra – Atrás de ti? Não. O que é que tens atrás de ti?

Dr. Sequeira – A maioria compacta.

Petra – A sério? E isso é bom?

Dr. Sequeira – Eu diria que é uma coisa boa. Caramba, é mesmo bom sentir estes laços fraternais com os nossos conterrâneos.

Petra - E poder fazer algo de bom e útil.

Dr. Sequeira – E ainda por cima pela nossa própria cidade.

(Entra Elisa Sequeira)

Elisa Sequeira – Bom-dia!

Dr. Sequeira - Prazer em ver-te, Elisa!

Petra – Bom-dia, Tia! Tudo bem?

Elisa Sequeira – Assim assim, obrigada. *(para o Dr. Sequeira)* Ontem recebi, já fora de horas, um relatório teu sobre o estado das águas das Termas.

Dr. Sequeira – Sim. Leste-o?

Elisa Sequeira – Sim, li.

Dr. Sequeira – E o que é que tens a dizer sobre ele?

Elisa Sequeira (*olhando à volta*) – Hm....

(*Petra sai*)

Elisa Sequeira (*após uma pausa*) – Era necessário fazer todas estas investigações nas minhas costas?

Dr. Sequeira – Sim, porque enquanto não tivesse certeza absoluta-

Elisa Sequeira –Então quer dizer que agora já tens a certeza absoluta?

Dr. Sequeira – Não é óbvio que sim?

Elisa Sequeira – E tencionas apresentar formalmente este documento ao Conselho de Administração das Termas?

Dr. Sequeira – Claro. Tem que se tratar do assunto.

Elisa Sequeira – Como de costume empregas expressões violentas no teu relatório. Dizes, entre outras coisas, que o que oferecemos aos visitantes das Termas é um fornecimento permanente de veneno.

Dr. Sequeira – Bem, consegues descrevê-lo de outra forma, Elisa? Pensa bem – água venenosa, quer bebas quer tomes banho nela. E é isto que oferecemos aos desgraçados dos doentes que vêm ter connosco e pagam fortunas para se curarem!

Elisa Sequeira – O teu raciocínio levou-te a concluir que temos que construir uma estação de tratamento e que temos de alterar as condutas de água.

Dr. Sequeira – Sim. Vês outra saída? Eu não.

Elisa Sequeira - Hoje inventei um pretexto para ir falar com o engenheiro da Câmara e, meio a sério meio a brincar, abordei estas tuas propostas como algo a ter em consideração algures no futuro.

Dr. Sequeira – Algures no futuro!

Elisa Sequeira – Ele, naturalmente, sorriu perante aquilo que considerou ser uma extravagância minha. Deste-te ao trabalho de pensar quanto é que as tuas propostas podiam custar? De acordo com a informação que obtive, os custos seriam de vários milhões de euros.

Dr. Sequeira – Tanto?

Elisa Sequeira – Sim. E o pior é que os trabalhos iam demorar pelo menos dois anos.

Dr. Sequeira – Dois anos? Dois anos inteiros?

Elisa Sequeira – Pelo menos. E o que é que fazemos com as Termas entretanto? Fechamo-las? Éramos obrigados a isso. E achas que alguém se ia aproximar daqui depois de se saber que a água é perigosa?

Dr. Sequeira – Sim, Elisa, mas é.

Elisa Sequeira – E logo nesta altura – justamente agora que as Termas começam a ser conhecidas. Há cidades vizinhas que também podem ter Termas. Não achas que iam aproveitar para atrair as pessoas para si? Claro que sim; e então como é que nós ficávamos? Provavelmente éramos obrigados a abandonar tudo aquilo que nos custou tanto dinheiro e tu arruinavas a tua cidade natal.

Dr. Sequeira – Eu... arruinaria...!

Elisa Sequeira – É só por causa das Termas que se pode dizer que esta cidade tem futuro. Sabes isso tão bem quanto eu.

Dr. Sequeira – Mas então o que é que achas que se deve fazer?

Elisa Sequeira – O teu relatório não me convenceu que a situação da água das Termas é tão má como a pintas.

Dr. Sequeira – Digo-te que é ainda pior! Ou pelo menos assim será no Verão quando o tempo quente chegar.

Elisa Sequeira – Tal como disse, acho que exageraste o assunto. Um médico competente devia saber que medidas tomar – devia ser capaz de prevenir doenças ou tratá-las se elas aparecerem.

Dr. Sequeira – Ah sim, e que mais?

Elisa Sequeira – O fornecimento de água das Termas é um facto consumado e por isso deve ser tratado como tal. Mas provavelmente o Conselho de Administração, à cautela, vai considerar a questão de saber até que ponto será possível introduzir certos melhoramentos dentro de uma despesa razoável.

Dr. Sequeira – E tu achas mesmo que eu vou ter alguma coisa a ver com uma vigarice dessas?

Elisa Sequeira – Vigarice!!

Dr. Sequeira – Sim, uma vigarice, uma fraude, uma mentira, um crime contra as pessoas, contra toda a comunidade!

Elisa Sequeira – Tal como já frisei, ainda não estou convencida que haja um perigo iminente.

Dr. Sequeira – É impossível ainda não estares convencida. Eu sei que apresentei os factos de uma forma honesta e verdadeira. Sabes isso perfeitamente, Elisa, só tu é que não o queres reconhecer. Foi por tua culpa que as condutas de água foram construídas onde estão; e é isso que não queres reconhecer – esse teu maldito erro – Tch! – Achas que eu não te conheço?

Elisa Sequeira – E mesmo que isso fosse verdade? Se pareço ciosa da minha reputação é no interesse público. Sem autoridade moral sou impotente para dirigir esta cidade. E por causa disso - e outras variadas razões – parece-me ser da maior importância que esse teu relatório não seja entregue ao Conselho de Administração. No interesse público deves guardá-lo. Depois, mais tarde, eu levantarei a questão e faremos o possível, em privado; mas nada sobre este assunto, nem uma palavra, deve chegar aos ouvidos das pessoas.

Dr. Sequeira – Receio que já não possas impedir isso, cara Elisa.

Elisa Sequeira – Tem de ser e vai ser impedido!

Dr. Sequeira – Digo-te que não adianta. Já há demasiadas pessoas que sabem.

Elisa Sequeira – Que sabem? Quem? De certeza que não estás a falar daqueles tipos do “Correio do Cidadão”!

Dr. Sequeira – Sim, já sabem. A imprensa independente vai assegurar-se que cumpres o teu dever.

Elisa Sequeira (*após uma breve pausa*) – És um homem extraordinariamente independente, Tomás. Já pensaste nas consequências que isto te vai trazer?

Dr. Sequeira – Consequências? Para mim?

Elisa Sequeira – Para ti e para os teus, sim.

Dr. Sequeira – Que raio queres dizer?

Elisa Sequeira – Acho que sempre me portei de uma maneira fraterna contigo – não te ajudei sempre que foi preciso?

Dr. Sequeira – Sim e agradeço-te por isso.

Elisa Sequeira – Não é necessário. Na verdade fui obrigada a isso – para o meu próprio bem. Sempre tive esperança que ajudando a melhorar a tua condição financeira pudesse ter algum ascendente sobre ti.

Dr. Sequeira – O quê? Então foi apenas para o teu próprio bem!

Elisa Sequeira – Até certo ponto, sim. É penoso para uma pessoa com uma posição pública ter o parente mais próximo constantemente a comprometê-la.

Dr. Sequeira – E achas que eu faço isso?

Elisa Sequeira – Acho, infelizmente fazes isso sem sequer te dares conta. Tens um carácter rebelde e inquieto. E depois tens essa desastrosa propensão para escrever sobre todas as coisas possíveis e impossíveis. Mal te vem uma ideia à cabeça tens logo de escrever um artigo de jornal ou um panfleto acerca dela.

Dr. Sequeira – Mas não é o dever de qualquer cidadão partilhar com as pessoas todas as ideias novas que tenha?

Elisa Sequeira – As pessoas não precisam de ideias novas. As pessoas são mais bem servidas pelas velhas e bem estabelecidas ideias que já existem.

Dr. Sequeira – É essa a tua opinião sincera?

Elisa Sequeira – Sim e pelo menos uma vez tenho que te falar francamente. Tenho evitado porque sei que te irritas facilmente; mas agora tenho que te dizer a verdade, Tomás. Tu não tens noção do mal que fazes a ti próprio com essa tua impetuosidade. Queixas-te das autoridades, queixas-te do governo – estás sempre a reclamar; achas que és ignorado ou perseguido. Mas que mais pode esperar um homem desagradável como tu?

Dr. Sequeira – Só faltava esta! Desagradável?

Elisa Sequeira – Sim, Tomás, é extremamente desagradável trabalhar contigo – sei isso às minhas custas. Não tens consideração por nada nem ninguém. Parece que te esqueceste de que é a mim que deves a tua nomeação como médico das Termas.

Dr. Sequeira – Tive direito a ela! – Eu e mais ninguém! Fui o primeiro a ver que a cidade podia crescer aproveitando os recursos da água. E fui o único que vi isso nessa altura. Tive de lutar sozinho por esta ideia durante muitos anos; escrevi e escrevi...

Elisa Sequeira – Sem dúvida. Mas nessa altura as coisas não se proporcionavam. Mas assim que surgiu o momento oportuno eu - e outros – tomámos o assunto nas nossas mãos.

Dr. Sequeira – Sim, e transformaram os meus planos nesta trapalhada. Agora é bastante óbvio como vocês são espertos.

Elisa Sequeira – Na minha opinião tu só estás à procura de um escape para essa tua raiva. Uma desculpa para arranjar conflitos com os teus superiores – um velho hábito teu. Não suportas nenhum tipo de autoridade sobre ti. Olhas com desdém para quem quer que ocupe uma posição oficial superior. Tu vê-lo como um possível inimigo e então qualquer arma é boa para o abater. Mas agora chamei a tua atenção para o facto dos interesses da cidade estarem em jogo – e, por mero acaso, os meus também. Por isso tenho que te dizer, Tomás, que serei intransigente naquilo que te vou pedir agora.

Dr. Sequeira – E o que é?

Elisa Sequeira – Como foste indiscreto ao ponto de falar sobre este assunto delicado a estranhos, apesar da tua obrigação de o tratares de uma forma oficial e confidencial, é óbvio que já não o podemos abafar. Vão aparecer toda a espécie de rumores e todos os que têm ressentimentos contra nós vão fomentar e alimentar esses rumores. Portanto será necessário que os refutes publicamente.

Dr. Sequeira – Eu! Como? Não percebo.

Elisa Sequeira – O que esperamos é que, depois de mais investigações, chegues à conclusão que o assunto não é de forma alguma tão perigoso e crítico como tinhas inicialmente pensado.

Dr. Sequeira – Ah! Então é isso que queres?

Elisa Sequeira – E, mais ainda, contamos que afirmes publicamente a tua confiança no Conselho de Administração e na sua competência para considerar quais as medidas necessárias para remendar quaisquer possíveis defeitos.

Dr. Sequeira – Mas nunca o conseguirão fazer com remendos – nunca! Acredita em mim, Elisa! Tenho a certeza do que digo, a certeza absoluta!

Elisa Sequeira – Enquanto subordinado do Conselho de Administração não tens direito a uma opinião individual.

Dr. Sequeira (*espantado*) - Não tenho direito?

Elisa Sequeira - Na tua posição oficial não! Enquanto pessoa é outra história. Mas enquanto subordinado e fazendo parte do pessoal das Termas, não tens direito a expressar nenhuma opinião que seja contrária à dos teus superiores.

Dr. Sequeira – Isso é demais! Eu, um médico, um homem de ciência, não tenho direito-

Elisa Sequeira – Este assunto não é só científico. É um assunto complicado, para além do lado técnico tem também um lado económico.

Dr. Sequeira – Não me interessa. Tenciono expressar a minha opinião livremente sobre qualquer assunto à face da Terra.

Elisa Sequeira – À vontade – mas não sobre qualquer assunto relacionado com as Termas. Isso nós proibimos.

Dr. Sequeira (*gritando*) – Vocês proibem! Vocês! Um bando de-

Elisa Sequeira – Eu proíbo! Eu, a tua chefe; e se eu proíbo tu tens de obedecer.

Dr. Sequeira (*controlando-se*) – Elisa, se não fosses minha irmã...

Petra (*abrindo a porta violentamente*) – Pai, tu não tens que aturar isto!

Elisa Sequeira – Ah, com que então estavas à escuta?!

Petra – Sim, eu estava a ouvir.

Elisa Sequeira – Bem, apesar de tudo, ainda bem...

Dr. Sequeira – O que é que estavas a dizer sobre proibir e obedecer?

Elisa Sequeira – Tu obrigas-me a falar assim.

Dr. Sequeira – E então devo mentir publicamente?

Elisa Sequeira – Achamos absolutamente necessário que faças essa declaração pública tal como te pedi.

Dr. Sequeira – E se eu não obedecer?

Elisa Sequeira – Então publicamos nós uma declaração para sossegar as pessoas.

Dr. Sequeira – Muito bem; mas nesse caso vou contestar-vos publicamente. Vou manter o que disse. Vou mostrar que eu estou certo e vocês estão errados. E depois o que é que vais fazer?

Elisa Sequeira – Nesse caso não poderei impedir o teu despedimento.

Dr. Sequeira – O quê?

Petra – O pai? Despedido?

Elisa Sequeira – Despedido das Termas. Serei obrigada a propor que sejas imediatamente despedido e que não seja permitida a tua participação em nenhum dos assuntos das Termas.

Dr. Sequeira – Não te atreves!

Elisa Sequeira – Tu é que te atreves demais!

Petra – Tia, é vergonhosa a maneira como estás a tratar o pai.

Dr. Sequeira – Eu estou a pensar no bem desta cidade! Eu quero pôr a nu os problemas que mais tarde ou mais cedo vão surgir. Eu vou mostrar se amo a minha terra natal.

Elisa Sequeira – Tu, que com essa teimosia cega queres acabar com a mais importante fonte de bem-estar da cidade?

Dr. Sequeira – A fonte está envenenada, mulher! Estás doida? Nós ganhamos a vida a traficar porcaria e infecções! A vida florescente da nossa cidade assenta numa mentira!

Elisa Sequeira – Tudo imaginação tua – ou pior ainda. Um homem que é capaz de insinuar estas ofensas sobre a sua cidade natal deve ser um inimigo da comunidade.

Dr. Sequeira – Tu atreves-te a-!

Petra – Não te enerves, pai!

Elisa Sequeira – Eu não me vou sujeitar a violências. Já foste avisado; por isso pensa bem nas tuas responsabilidades. Adeus.

(Elisa Sequeira sai)

Dr. Sequeira – Eu tenho que aturar uma coisa destas? Na minha própria casa? Mas será que num país livre não serve de nada ter a razão do nosso lado? E para além disso, então eu não tenho a imprensa independente a abrir-me o caminho e a maioria compacta atrás de mim?

Petra – Ai, a tia! Se eu pudesse dizia-lhe das boas...

Dr. Sequeira – A culpa é minha. Já há muito tempo que me devia ter atirado a ela! – mostrado os meus dentes! – mordido! Chamar-me um inimigo da nossa comunidade! A mim! Eu não vou engolir isto, palavra que não!

(Dr. Sequeira sai de casa)

CENA IV

(No laboratório)

Petra – Dirija dois jactos de água exactamente idênticos de encontro um ao outro. Observe o modo como, em vez de eles se anularem, a pressão desenvolvida no ponto de impacto gera um lençol de água. Porque será que as correntes formam estes lençóis em lugar de simplesmente se decomporem?

CENA V

(Na assembleia de cidadãos)

Torres – As minhas origens são humildes, como vocês sabem; e isso deu-me oportunidade de perceber qual é a necessidade mais gritante das gentes mais humildes. Ter voz nos assuntos públicos, Dr. É isso que vai desenvolver as suas capacidades, a sua inteligência, o seu amor-próprio – e na minha opinião um jornalista incorre num grave erro se desperdiçar uma oportunidade favorável à emancipação das massas, dos humildes e oprimidos. Eu sei muito bem que em certos círculos mais intolerantes serei chamado de agitador e outras coisas do género. Mas podem chamar-me o que quiserem desde que eu tenha a consciência tranquila. E é por isso que julgo necessário explicar a minha posição. A agitação criada pelo Dr. Sequeira parecia, ao princípio, estar a ganhar uma certa simpatia pelo que a apoiei tão imparcialmente quanto pude. Mas agora temos razões para suspeitar que nos deixámos enganar por uma apresentação errónea do problema em causa. O comunicado da Sra. Presidente da Câmara mostra-o. Espero que ninguém aqui duvide dos meus princípios éticos; Todos conhecem a atitude do “Correio do Cidadão” perante questões políticas importantes. Mas os conselhos de pessoas experientes e sensatas ensinaram-me que um jornal deve proceder com cautela em assuntos puramente locais e, relativamente à questão que aqui tratamos, é neste momento indiscutível que o Dr. Sequeira tem a opinião pública contra si. Agora, qual é o primeiro e mais óbvio dever de um jornalista, meus senhores? Não é estar em harmonia com os seus leitores? Não terá ele recebido uma espécie de mandato tácito para trabalhar de modo persistente e assíduo para o bem estar de todos aqueles cujas opiniões ele representa? Ou será possível que eu esteja enganado? Foi-me muito custoso entrar em ruptura com um homem em cuja casa tenho sido uma visita frequente – um homem que até hoje se pode gabar do apoio

incondicional dos seus concidadãos – um homem cujo único ou, pelo menos, principal defeito é ser conduzido pelo coração e não pela razão. Mas agora ele está a insultar uma população respeitável e tudo isto porque a grande e esclarecida maioria das pessoas é prudente o suficiente para respeitar apenas as verdades bem sustentadas e devidamente sancionadas.

Dr. Sequeira – Meu caro Torres, não diga disparates acerca de verdades bem sustentadas.

Torres – A maioria tem sempre a razão do seu lado.

Dr. Sequeira – Nunca! É a maioria na nossa comunidade que nega a minha liberdade e procura impedir-me de dizer a verdade. A maioria nunca tem a razão do seu lado. Nunca! Isso é uma daquelas falsas-verdades contra as quais qualquer homem independente e inteligente deve declarar guerra. Quem é que constitui a maioria da população num país? São os inteligentes ou os estúpidos? Eu creio que ninguém discutirá o facto de actualmente os estúpidos serem uma imensa e esmagadora maioria no mundo inteiro. Mas, valha-me Deus, não podem fazer de conta que está certo que os estúpidos governem sobre os mais inteligentes. *(Protestos e gritos)* Sim, sim - vocês podem fazer barulho, eu sei, mas não me conseguem responder. A maioria tem a força do seu lado, infelizmente. Mas não tem a razão. Eu é que tenho a razão. Eu e mais um punhado de outras individualidades. A minoria é que tem sempre razão. Eu proponho uma revolução contra a mentira de que a maioria tem o monopólio da verdade. Quais são as verdades que a maioria normalmente apoia? São verdades tão antigas que já começam a ruir. E se uma verdade é assim tão antiga está no bom caminho para se tornar uma mentira, meus senhores. *(risos e gritos de troça)* Sim, acreditem ou não, como quiserem. Mas estas “verdades da maioria” são como restos de uma refeição, rançosos e podres; E são a origem do escorbuto moral que grassa nas nossas comunidades. As verdades que as massas agora aprovam são as mesmas verdades pelas quais as vanguardas lutavam no tempo dos nossos avós. Nós, os que hoje lutamos na vanguarda, já não as aprovamos; e eu não acredito numa outra verdade bem sustentada que não esta: nenhuma comunidade pode viver uma vida saudável se for alimentada apenas com estas verdades velhas e ocas.

CENA VI

(Na redacção do “Correio do Cidadão”)

Torres – Já leu?

Conceição David (*pousando o relatório*) – Oh, se li! Deus nos ajude, ele é esmagador! Se a Presidente da Câmara não gostar...

Torres – Bem, felizmente podemos sempre ganhar alguma coisa com isto, independentemente do que aconteça. Se a nossa Presidente não alinhar no projecto do Dr., caem-lhe os pequenos comerciantes em cima – toda a Associação de Comerciantes. E se ela alinhar com o projecto caem-lhe em cima os accionistas das Termas, que até agora têm sido os seus maiores apoiantes.

Conceição David – Sim, porque eles ainda vão ter que gastar uma pipa de massa...

Torres – Sim, sim, pode crer. E assim acaba-se com o compadrio, percebe? E depois, em cada edição do jornal podemos ir mostrando às pessoas a incapacidade das autoridades.

Conceição David – Sim, mas com moderação, Torres, actue com moderação.

(*Dr. Sequeira entra*)

Torres – Ah, entre, entre, Dr. Então?

Dr. Sequeira – Pode avançar Torres. Publique o artigo.

Torres – Então chegámos a esse ponto?

Dr. Sequeira – Sim, publique. Não há dúvida que chegámos. Agora é que eles vão ver. Vai haver guerra nesta cidade! Este artigo é só o princípio, já tenho mais quatro ou cinco alinhavados na cabeça.

Conceição David – Quatro ou cinco artigos? Sobre o mesmo assunto?

Dr. Sequeira – Não, sobre uma coisa muito diferente. Mas nascem todos da questão das águas e do saneamento. Uma coisa leva à outra, percebe? É como deitar abaixo uma casa velha, rebenta-se com tudo.

Conceição David – Rebentar com tudo? Não está a pensar em rebentar com as Termas, pois não Doutor?

Torres – Longe disso, não se assuste.

Dr. Sequeira – Não, a intenção é outra. Então, o que é que achou do meu artigo, Sr. Torres?

Torres – Simplesmente uma obra prima.

Dr. Sequeira – Acha mesmo? Bem, fico muito contente, muito contente.

Torres – É tão claro, tão fácil de perceber. Não é preciso ter nenhum conhecimento especial para compreender o seu alcance. Todas as pessoas esclarecidas vão ficar do seu lado.

Conceição David – E todas as pessoas prudentes também, espero eu.

Torres – Os prudentes e os imprudentes, quase a cidade toda.

Conceição David – Sendo assim acho que se deve publicar.

Dr. Sequeira – É o que eu acho.

Torres – Sai já na edição de amanhã.

Dr. Sequeira – Claro, não podemos perder um único dia. E cuidado com as gralhas. Todas as palavras são importantes. Eu passo cá mais tarde para ver as provas. Nem imagina como estou ansioso por o ver publicado, à vista de todos... E vê-lo submetido ao julgamento dos meus conterrâneos inteligentes. Vocês não imaginam o que eu passei hoje. Recebi ameaças de todos os tipos. Tentaram privar-me dos meus mais elementares direitos como Homem... Tentaram humilhar-me, fazer de mim um covarde, forçar-me a colocar interesses pessoais à frente das minhas convicções mais sagradas.

Torres – Já devia estar à espera! Vindo de onde veio!

Dr. Sequeira – Pois, mas daqui não levam nada; disso podem eles ter a certeza. O “Correio do Cidadão” vai ser a minha fortaleza e hei-de bombardeá-los todos os dias com um artigo atrás do outro, como mísseis.

Conceição David – Sim, mas-

Dr. Sequeira – Vou levá-los ao tapete! Vou esmagá-los! Vou desmascará-los perante os olhos do público! É isso que eu vou fazer!

Conceição David – Sim, mas com moderação, Dr... actue com moderação.

Dr. Sequeira – Porque isto já não se trata apenas de uma questão de águas – de abastecimento e saneamento, percebem? Não, é toda a nossa vida social que tem de ser purificada e desinfectada. Temos que correr com os incompetentes, compreendem, em todos os sectores. Hoje abriram-se horizontes infinitos à minha frente. Ainda não vejo com clareza, mas hei-de ver, com o tempo. Precisamos de gente nova e vigorosa a apontar o caminho. Precisamos de uma nova vanguarda em todas as frentes. Se nos mantivermos unidos vai ser muito fácil. A revolução será lançada como um barco que parte ligeiro das docas.

Torres – Pessoalmente eu acho que temos agora a possibilidade de colocar o poder municipal nas mãos certas.

Conceição David – E desde que se proceda com moderação acho que não corremos nenhum risco.

Dr. Sequeira – Mas que Diabo importa que haja risco ou não? Aquilo que estou a fazer faço-o em nome da verdade e por imperativo da consciência.

Torres – Você é um homem que merece ser apoiado.

Conceição David – É verdade, não se pode negar que o Dr. é um verdadeiro amigo da cidade. Um verdadeiro amigo da comunidade é o que ele é.

Torres – Acredite no que lhe digo, Conceição, o Doutor Sequeira é um verdadeiro amigo do povo.

Conceição David – Parece-me que a Associação de Comerciantes não tarda vai fazer uso dessa expressão.

Dr. Sequeira – Obrigado, obrigado, meu amigos leais. É tão revigorante ouvir-vos falar assim. A minha irmã chamou-me uma coisa muito diferente. Caramba! Vai-mas pagar com juros! Bem, agora tenho que ir visitar um desgraçado de um doente, mas já sabem que volto. Muito cuidado com o texto. E, pelo amor de Deus, não me tirem os pontos de exclamação – antes pelo contrário, ponham mais uns quantos! É fundamental! Bem, adeus por agora, adeus, adeus.

(Dr. Sequeira sai)

Torres – Ele ainda nos vai ser muito útil.

Conceição David – Sim, desde que se limite ao assunto das Termas. Mas se ele for por outros caminhos não me parece boa ideia segui-lo.

Torres – Hm, tudo depende... Você é tão tímida.

Conceição David – Tímida? Sim, quando se trata das autoridades locais sou tímida, Sr. Torres. Foi uma lição que aprendi na escola da vida, deixe-me que lhe diga. Mas fale-me de política nacional, de assuntos do governo; vai ver se eu sou tímida.

Torres – Mas não acha importante sensibilizar as pessoas para os assuntos que lhes são mais próximos?

Conceição David – Quando se tem interesses pessoais a proteger não se pode pensar em tudo, Sr. Torres.

Torres – Então espero nunca ter interesses pessoais a proteger.

Conceição David – Bem, tenho que ir escrever o apelo à Associação de Comerciantes.

(Sai Conceição David)

Torres – É isso, é isso.

(entra Petra)

Petra – Dá-me licença?

Torres – A menina aqui! Sente-se, sente-se!

Petra – Não, obrigada! Não posso demorar.

Torres – Tem algum recado do seu pai, é?

Petra – Não. Sou eu quem lhe quer falar. *(tira um livro do bolso)* Aqui está o tal conto em inglês.

Torres – Porque é que o trouxe de volta?

Petra – Porque não o vou traduzir.

Torres – Mas tinha prometido!

Petra – Sim, mas ainda não o tinha lido. Suponho que também não o leu.

Torres – Não. Sabe muito bem que o inglês não é o meu forte...

Petra – Pois! Por isso é que lhe queria dizer que tem de arranjar outra coisa. Não pode pôr isto no jornal.

Torres – Porque não?

Petra – Porque isto vai contra todas as suas opiniões.

Torres – Oh! Se é por isso-

Petra – Não me está a perceber. Isto é uma daquelas histórias em que os bons são muito bons e os maus são muito maus. Os bons sofrem muito mas no fim são recompensados. Os maus são sempre castigados.

Torres – E então? Qual é o problema? Isso é mesmo o tipo de coisa que os nossos leitores gostam.

Petra – E é o senhor que lhes vai dar isso? Pessoalmente não acredito numa só palavra do que aqui está. Sabe muito bem que na realidade as coisas não acontecem assim.

Torres – Tem toda a razão; Mas o director de um jornal nem sempre pode fazer o que quer. Muitas vezes é obrigado a ceder aos desejos dos leitores em matérias sem importância. A política é a coisa mais importante da vida – pelo menos para um jornal. E se quero que o meu público me siga no caminho para a liberdade e para o progresso, não posso assustá-los. Se eles encontrarem uma historiazinha bacoca deste género no suplemento vão ficar mais disponíveis para ler o resto do jornal. É como se se sentissem mais seguros.

Petra – Que vergonha! Não acredito que lançasse uma armadilha dessas aos seus leitores... como se fosse uma aranha!

Torres – Obrigado pela consideração que tem por mim- mas nós jornalistas não valemos grande coisa.

Petra – Não está a falar a sério.

Torres – Às vezes é o que penso.

Petra – Sim, se calhar nos assuntos mais corriqueiros; até aí posso compreender. Mas agora que tem em mãos um assunto tão importante...

Torres – Está a falar do assunto do seu pai.

Petra – Exactamente. Parece-me que agora devia sentir que tem mais valor do que muitos.

Torres – Hoje por acaso até sinto.

Petra – Claro que sente, não sente? É fantástico ter uma vocação como a sua – preparar o caminho para o avanço das verdades incómodas e de linhas de pensamento novas e corajosas. Quanto mais não fosse por se expor abertamente na defesa de um homem acossado.

Torres – Especialmente quando esse homem acossado é... não sei bem como...

Petra – Tão íntegro e honesto, não é?

Torres – Eu queria dizer especialmente quando ele é o seu pai.

Petra – O quê?

Torres – Sim, Petra. Menina Petra.

Petra – Então é isso? Isso é o mais importante para si? Não é o problema em si? Não é a verdade? Não é a grande generosidade do meu pai?

Torres – Claro, com certeza. Isso também.

Petra – Não, obrigada. Agora traiu-se, Sr. Torres, e nunca mais vou voltar a confiar em si.

Torres – Não me diga que leva assim tão a mal que seja sobretudo por si que eu-

Petra – O que mais me lixa é você não ter sido honesto com o meu pai. Falou com ele como se a verdade e o bem da comunidade fossem a sua maior preocupação. Fez o meu pai de parvo e a mim também. O senhor não é o homem que fingiu ser. E isso eu nunca lhe vou perdoar. Nunca!

Torres – Não devia ser tão amarga, menina Petra, muito menos agora.

Petra – Muito menos agora, como?

Torres – Agora que o seu pai já não passa sem a minha ajuda.

Petra – Ai também é desses?! Tenha vergonha.

Torres – Não, não sou. Nem estava à espera que isto acontecesse, por favor acredite em mim.

Petra – Eu sei em que é que devo acreditar. Adeus.

(Entra Conceição David)

Conceição David – Merda, Torres. *(vê Petra)* Oh, que coisa estranha.

Petra – Fica aqui o livro. Peça a outra pessoa.

Torres – Mas, menina Petra...

Petra – Adeus

(Sai Petra)

Conceição David – Oiça, ó Torres.

Torres – Sim, sim, o que é que foi?

Conceição David – A Presidente da Câmara está ali à espera.

Torres – A Presidente!?

Conceição David – Sim, quer falar consigo. Entrou pelas traseiras. Não queria ser vista, percebe?

Torres – Mas o que é que ela quer? Diga-lhe que entre. Mas veja lá se ninguém...

Conceição David – Claro, claro!

(Sai Conceição David e entra Elisa Sequeira)

Elisa Sequeira – Não estava à espera de me ver aqui, pois não, Sr. Torres?

Torres – Não, confesso que não.

Elisa Sequeira – Não se está mal aqui, nada mal.

Torres – Oh.

Elisa Sequeira – E eu que apareço assim, sem avisar, a roubar o seu tempo.

Torres – Por favor, senhora Presidente. Estou à sua disposição. Deixe-me só... *(pega-lhe no casaco e na pasta e pousa-os)* Não se quer sentar?

Elisa Sequeira – Obrigada. *(sentam-se)* Hoje tive uma experiência muito aborrecida, Sr. Torres.

Torres – Não me diga. Bom, também com tantos assuntos que tem de tratar...

Elisa Sequeira – Mas hoje o responsável foi o médico das Termas.

Torres – A sério? O Doutor?

Elisa Sequeira – Ele enviou uma espécie de relatório ao Conselho de Administração sobre uns supostos defeitos nas Termas.

Torres – Ah, foi?

Elisa Sequeira – Sim, ele não lhe disse? Ia jurar que-

Torres – Ah, sim. Ele realmente mencionou qualquer coisa...

(Entra Conceição David)

Conceição David – Precisava do tal documento...

Torres – Ahem... Está ali em cima.

Conceição David – Obrigada.

Elisa Sequeira – Mas olhe lá, era disto que eu estava a falar.

Conceição David – Isto é o artigo do Doutor, senhora Presidente.

Torres – Ah, era DISTO que estava a falar.

Elisa Sequeira – Sim, é disto. O que é que achou?

Torres – Eu sou apenas um leigo e ainda só lhe dei uma vista de olhos.

Elisa Sequeira – Mas vai publicar?

Torres – Não posso de forma alguma dizer que não ao Doutor.

Conceição David – A responsabilidade editorial não é minha, senhora Presidente.

Elisa Sequeira – Eu compreendo.

Conceição David – Eu apenas financio o jornal.

Elisa Sequeira – Claro, claro.

Conceição David – E agora se me dá licença... (*tenta sair*)

Elisa Sequeira – Não, espere um momento, Conceição. Dá-me licença, Sr. Torres?

Torres – Esteja à vontade, senhora Presidente.

Elisa Sequeira – A Conceição é uma mulher discreta e ponderada.

Conceição David – É um prazer ouvi-la dizer isso.

Elisa Sequeira – E é uma mulher com uma influência considerável.

Conceição David – Principalmente entre os pequenos comerciantes.

Elisa Sequeira – Os pequenos contribuintes são a maioria; aqui como em todo o lado.

Conceição David – Isso é verdade.

Elisa Sequeira – E tenho a certeza que conhece melhor que ninguém para onde se inclinam as suas opiniões. Não é verdade?

Conceição David – Sim, acho que posso dizer isso, senhora Presidente.

Elisa Sequeira – Sim. Bem, já que há um tão louvável espírito de auto-sacrifício entre os cidadãos menos abastados da nossa cidade...

Torres – Auto-sacrifício?

Conceição David – O quê?

Elisa Sequeira – É uma demonstração maravilhosa de solidariedade comunitária. É uma demonstração verdadeiramente maravilhosa. Quase diria que não o esperava. Mas você sempre conhece melhor a opinião pública do que eu.

Conceição David – Mas, senhora Presidente-

Elisa Sequeira – É que de facto não é nada pequeno o sacrifício que a cidade vai ter de fazer.

Torres – A cidade?

Conceição David – Mas eu não estou a perceber. Está a falar das Termas?

Elisa Sequeira – Numa primeira estimativa as alterações que o médico das Termas considera necessárias ascendem a muitos milhões de euros.

Conceição David – Isso é muito dinheiro, mas-

Elisa Sequeira – Naturalmente a Câmara terá de contrair um empréstimo.

Torres – Com certeza não está à espera que seja a cidade a pagar?

Conceição David – Está a dizer que tem de sair do orçamento municipal? Dos bolsos depauperados dos pequenos contribuintes?

Elisa Sequeira – Bom, minha cara Conceição, mas de onde é que o dinheiro havia de sair?

Conceição David – Os accionistas das Termas é que o deviam arranjar.

Elisa Sequeira – Os accionistas das Termas não estão em posição de fazer mais investimentos.

Conceição David – Tem a certeza disso, Senhora Presidente?

Elisa Sequeira – Certeza absoluta. Já me certifiquei. Se a cidade quiser alterações assim tão profundas, terá de pagá-las.

Conceição David – Mas porra – peço desculpa, isto assim já é outra coisa, Torres.

Torres – De facto é.

Elisa Sequeira – E o pior é que terei de fechar as Termas por uns dois anos.

Torres – Fechar?

Conceição David – Dois anos?

Torres - Fechá-las mesmo?

Elisa Sequeira – Sim, é o que as obras vão demorar... no mínimo.

Conceição David – Era o que mais faltava, tolerarmos isso. E de que é que os comerciantes vão viver no entretanto?

Elisa Sequeira – Infelizmente não lhe consigo responder, Conceição. Mas o que é que quer que eu faça? Acha que vamos ter algum visitante se andarmos por aí a espalhar que as nossas águas estão poluídas, que vivemos num sítio infecto, que toda a cidade-

Conceição David – Mas será que isso é mesmo assim? Não será imaginação do Doutor?

Elisa Sequeira – Por muita boa vontade que tenha não consigo chegar a outra conclusão.

Conceição David – Mas então é inadmissível que o doutor tenha feito uma coisa destas. Peço desculpa,

Senhora Presidente.

Elisa Sequeira – O que diz é uma triste verdade, Conceição. O meu irmão infelizmente sempre foi muito teimoso.

Conceição David – Depois disto ainda lhe dá o seu apoio, Torres?

Torres – Como é que pode imaginar que eu...

Elisa Sequeira – Eu fiz um pequeno resumo da situação do ponto de vista de uma pessoa razoável. Nesse resumo indico como superar eventuais defeitos sem esvaziar os recursos da Administração das Termas.

Torres – Tem esse texto consigo, Senhora Presidente?

Elisa Sequeira – Sim, (*tira-o da pasta*) trouxe-o para o caso de-

Conceição David – Ai meu Deus, que ele vem aí.

Elisa Sequeira – Quem, o meu irmão?

Torres – Onde, onde?

Conceição David – Está mesmo a entrar.

Elisa Sequeira – Pouca sorte. Não o queria encontrar aqui e ainda tínhamos coisas para falar.

Torres – Entre para ali.

Elisa Sequeira – Mas...

Conceição David – Rápido, rápido, Senhora Presidente. Ele já aí vem.

Elisa Sequeira – Pronto, está bem. Mas vejam se o despacham.

(*Elisa Sequeira desaparece*)

Torres – Faça de conta que está a fazer qualquer coisa, Conceição.

(Entra Dr. Sequeira)

Dr. Sequeira – Cá estou eu outra vez.

Torres – Já, Doutor? Vamos pôr isto a andar, Conceição. Já não temos muito tempo.

Dr. Sequeira – Ainda não há provas para eu ver?

Torres – *(sem nunca se virar para o Dr. Sequeira)* Ainda não era possível, Doutor.

Dr. Sequeira – Pois não, pois não. Mas eu estou impaciente, como deve compreender. Não vou ter descanso enquanto não o vir publicado.

Torres – Isto ainda vai demorar um bocado. Um bom bocado.

Dr. Sequeira – Muito bem, meus caros, eu depois volto. Até volto duas vezes se for preciso. Num assunto tão importante – está em jogo o bem da comunidade – não nos vamos poupar a esforços. *(vai a sair e volta para trás)* Oçam, só mais uma coisa.

Torres – Vai-me desculpar, mas não pode ser noutra altura?

Dr. Sequeira – Explica-se em três tempos. É só isto: quando o meu artigo amanhã for lido e se perceber que eu passei o Inverno todo a trabalhar discretamente para o bem estar da cidade-

Torres – Mas, ó Doutor-

Dr. Sequeira – Eu sei o que é que você vai dizer. Que não foi mais do que o meu dever, o meu dever óbvio de cidadão. É claro que não foi; sei isso tão bem como você. Mas as outras pessoas, sabe como é, meu Deus, pense naquela boa gente que me estima tanto...

Conceição David – Sim, até hoje as pessoas daqui têm tido a melhor das opiniões a seu respeito.

Dr. Sequeira – Sim, é por isso que eu receio que elas... Bem, a questão é esta: quando isto lhes chegar aos ouvidos, principalmente às classes mais pobres, e lhes parecer um apelo à participação activa na vida da cidade...

Torres – Ahem... Ó Doutor, eu não lhe vou esconder que-

Dr. Sequeira – Ah! Eu sabia que havia qualquer coisa no ar. Mas nem quero ouvir falar nisso. Se estão a preparar qualquer coisa desse género....

Torres – De que género?

Dr. Sequeira – Bem, o que quer que seja – quer seja uma manifestação em minha honra, um jantar de homenagem ou um voto público de louvor – o que quer que seja, tem de me prometer solenemente que vai pôr cobro a isso. E você também, Conceição, percebeu?

Torres – Vai-me desculpar, Doutor, mas mais cedo ou mais tarde temos de lhe dizer a verdade-

Dr. Sequeira – *(vê a mala e o casaco da irmã)* Que raio é aquilo?

Conceição David – Ai, valha-nos Deus!

Torres – Ahem...

Dr. Sequeira – Aqui está a imagem da autoridade. *(pega no casaco e na pasta cuidadosamente)* Mas como é que isto...?

Torres – Bom, está a ver-

Dr. Sequeira – Ah! Estou a perceber, ela esteve cá a tentar dar-vos a volta. Ah! Ah! Aí é que ela se enganou. E mal me viu entrar... *(risos)* Não me diga que ela fugiu, Conceição?

Conceição David – Sim, ela fugiu Doutor.

Dr. Sequeira – Fugiu sem levar a pasta? Nem parece dela esquecer-se das coisas. Mas que raio é que vocês lhe fizeram? Ah, ali, claro.

Conceição David – Não seja precipitado, Doutor.

(Dr. Sequeira põe o casaco e pega na mala, aproxima-se do sítio onde está Elisa Sequeira e cumprimenta-a. Elisa Sequeira aproxima-se furiosa)

Elisa Sequeira – Mas que palhaçada é esta?

Dr. Sequeira – Respeitinho, Elisa. Agora sou eu a autoridade suprema na cidade.

Elisa Sequeira – Devolve-me as minhas coisas.

Dr. Sequeira – Tu podes estar armada em xerife, mas o Presidente sou eu. Eu sou o senhor desta cidade, por favor compreende.

Elisa Sequeira – Pousa-me essa pasta. Tem documentos oficiais.

Dr. Sequeira – Pff! Tu achas que esta pasta consegue assustar um povo que acaba de despertar para a luta? Vai haver uma revolução nesta terra amanhã, estás a ouvir? Pensavas que corrias comigo, mas sou eu quem vai correr contigo – correr contigo de todos os teus cargos. Achas que não consigo? Ouve bem, tenho as forças vivas da cidade atrás de mim. O Torres vai arrasar no “Correio do Cidadão” e a Conceição vai encarregar-se da Associação de Comerciantes.

Conceição David – Ai, não vou não, Doutor.

Dr. Sequeira – Então não vai?

Elisa Sequeira – Ah! Posso então perguntar ao Sr. Torres se pretende juntar-se a esta agitação?

Torres – Não, Senhora Presidente.

Conceição David – Não, o Sr. Torres não é parvo ao ponto de se arruinar e arruinar o jornal por causa de um problema imaginário.

Dr. Sequeira – (*olha à volta*) Mas o que é isto?

Torres – O senhor contou muito mal esta história e por isso não tenho condições para lhe dar o meu apoio.

Dr. Sequeira – Conte mal a história? Mas deixem isso comigo. Publique só meu artigo, eu sou perfeitamente capaz de o defender.

Torres – Eu não vou publicá-lo. Não quero, não posso, nem me atrevo.

Dr. Sequeira – Não se atreve? Que disparate! Você é o director; um director controla o seu jornal.

Conceição David – Não. Quem controla são os leitores, Doutor.

Elisa Sequeira – Felizmente.

Conceição David – Quem controla os jornais é a opinião pública, o público esclarecido, os comerciantes e outras pessoas do género.

Dr. Sequeira – (*recompondo-se*) E eu tenho essa gente toda contra mim?

Conceição David – Pois tem. Se o seu artigo fosse publicado era a ruína total da cidade.

Dr. Sequeira – Estou a ver.

Elisa Sequeira – A minha pasta e o meu casaco se fazes favor. (*o Dr. Sequeira devolve-lhe as coisas*) A tua autoridade como Presidente da Câmara chegou ao fim mais cedo do que pensavas.

Dr. Sequeira – Enganas-te, isto ainda não é o fim. (*para o Torres*) Então é completamente impossível publicar o meu artigo?

Torres – Completamente impossível. Até por consideração para com a sua família.

Elisa Sequeira – (*tira um texto da pasta*) Isto será suficiente para esclarecer o público – é um comunicado oficial. Se não se importa....

Torres – (*pega no texto*) Com certeza. Será publicado.

Dr. Sequeira – Ah, mas o meu não? Acham que me podem calar e abafar a verdade? Não vai ser tão fácil como julgam. Conceição, tenha a bondade de me devolver o relatório. Vou mandar imprimi-lo como panfleto. Às minhas custas! Vou fazer quatro mil cópias, não cinco ou seis mil.

Conceição David – Ninguém o vai ler.

Dr. Sequeira – Ainda assim vou torná-lo público. Hei-de lê-lo em público numa assembleia de cidadãos. Toda a gente irá ouvir a voz da verdade.

Elisa Sequeira – Ninguém vai aparecer.

Conceição David – Ninguém, tenho a certeza.

Dr. Sequeira – Há-de chegar ao conhecimento do público. Garanto-vos. Se ninguém aparecer hei-de ir lê-lo

de porta em porta.

Elisa Sequeira – Nem tu és assim tão tolo.

Dr. Sequeira – Ai sou, sou.

Conceição David – Ninguém lhe vai dar ouvidos.

Dr. Sequeira – Agora é que vamos ver se um bando de cobardes consegue amordaçar um patriota que quer purificar a sociedade. Vou já convocar uma assembleia de cidadãos. Os dados estão lançados, meus senhores.

CENA VII

(No laboratório)

Petra – Num recipiente cheio de água, faça alguns furos adjacentes e dispostos paralelamente ao fundo. Passe um dedo pelas correntes que vazam. Por alguma razão as correntes passam a convergir, permanecendo juntas, mesmo depois de retirado o dedo. O que será que as mantém juntas?

CENA VIII

(Na assembleia de cidadãos)

Conceição David – Eu gostaria apenas de dizer umas breves palavras. Eu sou uma pessoa calma e pacífica que acredita na moderação discreta e... na descrição moderada. Quem me conhece sabe-o bem. Aprendi na escola da vida e da experiência que a moderação é a virtude mais valiosa que um cidadão pode ter... e mais ainda que a descrição e moderação são o que nos permite melhor servir a comunidade. Eu sou uma pessoa conscienciosa e isso é o mais importante. É inútil criar conflitos com pessoas de quem o nosso bem-estar depende tão directamente. Confesso que em tempos o fiz e sei que daí nunca resulta nada de bom. Posso ser

acusada de timidez ou inconsistência nos meus princípios mas há algo que gostaria de salientar: o meu passado político é um livro aberto. Nunca mudei, a não ser talvez para me tornar um pouco mais moderada. O meu coração ainda está com o povo; mas não nego que a minha razão se inclina, de certa forma, para as autoridades – as autoridades locais, quero eu dizer. Quando se ataca o governo não se causa qualquer mal à comunidade; esses tipos não ligam a ataques e continuam como se nada fosse. Mas com as autoridades locais é diferente, elas podem ser postas fora e depois quem sabe se não aparece um bando de ignorantes a assumir o cargo e a causar danos irreparáveis aos comerciantes e às pessoas em geral. Eu peço que a moção da Senhora Presidente da Câmara seja aprovada e que o Dr. Sequeira seja impedido de ler ou mencionar o seu relatório. Concordo perfeitamente com a Sr. Presidente quando diz que algo se esconde por detrás da agitação provocada pelo Dr. Ele fala nas Termas mas o que ele quer é uma revolução que coloque a administração da cidade em novas mãos. Ninguém duvida da honestidade das intenções do Dr., isso nem sequer se discute; eu própria sou uma adepta da participação cívica e política das pessoas desde que isso não pese muito no bolso dos contribuintes. Mas aqui seria esse o caso; e é por isso que o Dr. Sequeira nunca contará com o meu apoio neste assunto. Nem por cima do meu cadáver.

Torres – Só um inimigo do povo poderia desejar a ruína de toda uma comunidade.

Conceição David – Há certas coisas que se pagam demasiado caro. Quer como cidadã quer como mulher estou profundamente chocada com o que tivemos que ouvir aqui. O Dr. Sequeira mostrou-nos uma faceta sua que eu nunca poderia ter imaginado. É com enorme tristeza que me sinto forçada a subscrever a opinião que acabei de ouvir dos meus estimados concidadãos; e proponho que se dê expressão a essa opinião numa resolução. Proponho a seguinte resolução: “Esta assembleia declara considerar o Dr. Tomás Sequeira, médico das Termas, um inimigo do povo.” (*aplausos e vivas*) Por unanimidade esta assembleia de cidadãos declara o Dr. Tomás Sequeira Inimigo do Povo. (*gritos e aplausos*) Peço o vosso aplauso para a nossa antiga e honrada comunidade de cidadãos. (*aplausos renovados*)

CENA IX

(Casa do Dr. Sequeira. O Dr. Sequeira em pijama e chinelos, está dobrado a apanhar pedras com um guarda-chuva. Entra Petra.)

Dr. Sequeira – Já voltaste da escola?

Petra – Sim. Fui despedida.

Dr. Sequeira – Tu também?

Petra – A directora disse-me para sair no fim do mês, mas eu achei que era melhor vir já embora.

Dr. Sequeira – Fizeste muito bem!

Petra – Eu percebi que lhe estava a custar. Ela disse que preferia não me despedir, mas não se atreve.

Dr. Sequeira – *(rindo-se)* Também não se atreve! Outra. Tudo isto é lindo! *(mostra-lhe uma carta)* O senhorio pôs-nos na rua. Diz que preferia deixar-nos ficar, mas não se atreve. Não o queria fazer, mas não se atreve a fazer o contrário. Por causa das outras pessoas, por respeito à opinião pública. Está numa posição delicada, não se atreve a afrontar certas pessoas influentes. É tudo uma cambada de cobardes nesta cidade. Não há uma única pessoa que se atreva a fazer seja o que for com medo das outras. E o mais incrível disto tudo são os tipos “iluminados e maduros” que andam em bando armados em livre pensadores. Já viste isto, Petra? Mas o que eu não vou engolir nunca é que seja a ralé quem se atreve a atacar-me como se fossem meus iguais.

(Entra Elisa Sequeira e Petra afasta-se)

Dr. Sequeira – Entra, entra. Como podes ver isto hoje está um bocadinho desarrumado. Escusas de tirar o casaco.

Elisa Sequeira – Obrigada. Acho que me constipei ontem na Assembleia.

Dr. Sequeira – A sério? Num ambiente tão acolhedor?

Elisa Sequeira – Lamento não ter podido evitar aqueles excessos de ontem.

Dr. Sequeira – Tens alguma coisa para me dizer, além disso?

Elisa Sequeira – Tenho esta carta do Conselho de Administração.

Dr. Sequeira – A minha demissão.

Elisa Sequeira – Sim, com efeito a partir de hoje (*pousa a carta*) Custa-nos muito fazer isto, mas sinceramente não nos atrevemos a não o fazer por causa da opinião pública.

Dr. Sequeira – Não se atrevem, acho que já ouvi isso hoje.

Elisa Sequeira – Tens que perceber a posição em que estás. Não vais poder continuar a exercer medicina nesta cidade.

Dr. Sequeira – Quero lá saber se exerço ou não! Mas como é que tens tanta certeza?

Elisa Sequeira – A Associação de Comerciantes está a fazer circular um abaixo-assinado. Pedem a todas as pessoas sensatas para não te consultarem. E garanto-te que nem um só chefe de família se vai recusar a assinar. Simplesmente não se atrevem.

Dr. Sequeira – Não, não duvido. Mas e então?

Elisa Sequeira – Se queres um conselho, o melhor era deixares a cidade por uns tempos.

Dr. Sequeira – Sim, a ideia de deixar a cidade já me ocorreu.

Elisa Sequeira – Ainda bem. E mais tarde, depois de teres tido uns meses para pensar e se, pensando melhor, te convenceres a escrever algumas palavras de arrependimento, admitindo o teu erro...

Dr. Sequeira – Talvez recupere o meu cargo, não é?

Elisa Sequeira – Talvez. Não é completamente impossível.

Dr. Sequeira – Mas então e a opinião pública? Com certeza que vocês não se atrevem, tendo em conta o sentimento geral...

Elisa Sequeira – A opinião pública é uma coisa extremamente volúvel. E para te ser completamente franca seria para nós muito importante uma retractação tua por escrito.

Dr. Sequeira – Ah, é isso que tu queres! Acho que já te tinha dito o que é que eu acho desse tipo de vigarices.

Elisa Sequeira – Mas aí a tua situação era muito diferente. Nessa altura tinhas razões para acreditar que tinhas toda a cidade aos teus pés.

Dr. Sequeira – Sim, e agora sinto que toda a cidade me deu com os pés. Mas não o faço, percebes? Não o faço, por nada deste mundo.

Elisa Sequeira – Um homem com família não tem o direito de se comportar assim. Não tens o direito, Tomás.

Dr. Sequeira – Não tenho o direito! Só há uma coisa neste mundo que um homem livre não tem o direito de fazer. Sabes o que é?

Elisa Sequeira - Não.

Dr. Sequeira - Claro que não sabes, mas eu digo-te. Um homem livre não tem o direito de chafurdar na lama. Não tem o direito de se comportar de tal maneira que o leve a cuspir na sua própria cara. Elisa, tu és de facto a pessoa mais vulgar que eu conheci em toda a minha vida.

Elisa Sequeira – Bem, então não temos mais nada a dizer um ao outro. O teu despedimento é irrevogável.

(Sai Elisa Sequeira)

Dr. Sequeira – Que nojo, que nojo. Petra, *(Petra aproxima-se)* temos que esfregar o chão que ela pisou. Ir-me embora, diz ela. Prefiro morrer a ir-me embora. Vamos ficar aqui onde estamos, Petra.

Petra – Ficar aqui?

Dr. Sequeira – Sim, aqui. Este é o campo de batalha. É aqui que vai ser a guerra. É aqui que vou triunfar. E querem tirar-me as consultas, também. Que tirem. Ainda ficam os pobres, aqueles que não podem pagar e que ao fim e ao cabo são quem mais precisa de mim. Mas caramba, ao menos esses vão ter que me ouvir. Hei-de lhes encher os ouvidos de verdades, dia após dia, semana após semana. Por uma vez vou experimentar com rafeiros. Pode ser que entre eles haja algumas mentes brilhantes. Hei-de transformá-los em

homens cultos, homens de espírito aberto. Tens de me ajudar, Petra.

Petra - E o que é que fazemos depois de os transformares em homens cultos de espírito aberto?

Dr. Sequeira – Nessa altura eles vão expulsar os lobos deste país.

Petra – E se os lobos nos expulsam a nós?

Dr. Sequeira - Agora sou eu o homem mais forte desta cidade.

Petra – O mais forte, agora?

Dr. Sequeira – Sim. Acho que posso até dizer que sou o homem mais forte do mundo. Ssh! (*baixa a voz*) Por enquanto não digas nada a ninguém, mas fiz uma grande descoberta.

Petra – Outra?

Dr. Sequeira – Sim. É isto, deixa-me dizer-te: o homem mais forte do mundo é aquele que está mais só.

Petra – Pai!

CENA X

(Na assembleia de cidadãos)

Dr. Sequeira – Ao longo destes últimos dias pensei e ponderei muito – ponderei sobre coisas tão variadas que no final a minha cabeça parecia estar cheia demais para as reter – mas finalmente fez-se luz no meu espírito e consegui ver toda a situação com lucidez. E é por isso que estou aqui perante vós esta noite. Tenho uma grande revelação a fazer-vos, meus caros concidadãos. Quero partilhar convosco uma descoberta muito mais vasta do que esta questão corriqueira da nossa água estar envenenada e as nossas Termas medicinais estarem construídas sobre solo pestilento (*protesto da Assembleia*)– trata-se da descoberta de que todas as fontes da nossa vida moral estão envenenadas e que todo o nosso tecido social assenta no solo pestilento da falsidade. Os meus olhos abriram-se e a primeira coisa que vi foi a estupidez colossal das autoridades e a inacreditável chafurdice pela qual os nossos dirigentes são responsáveis nas Termas. Eu não suporto dirigentes. Mas nem sequer são eles o perigo mais iminente para a comunidade. Não são eles quem mais envenena as fontes da nossa vida moral e infecta o chão que pisamos. Não são eles os inimigos mais perigosos da verdade e da liberdade. E essa é precisamente a grande descoberta que eu fiz ontem. (*erguendo a voz*) O mais perigoso inimigo da verdade e da liberdade é a maioria compacta! É assim mesmo. São as massas, a maioria, esta infernal maioria compacta – quem envenena as fontes da nossa vida moral e infecta o chão que pisamos. É a gente vulgar, que se insinua e espalha por todo o lado – até nas mais altas posições sociais – mas que só pensa o que os outros pensam e defende o que os outros defendem. Gente assim é, intelectualmente falando, gente vulgar; e isto faz também parte da minha descoberta. Outra parte desta descoberta é que sem independência de pensamento não há moralidade. É por isso que defendo que é absolutamente indesculpável que o jornal desta cidade proclame, dia após dia, a falsa doutrina que de são as massas quem tem o monopólio da moralidade, e que não se deve assustá-las com exigências intelectuais, mas sim seduzi-las com o que já sabem. Mas é este mesmo jornal que continua a apregoar que se deveriam elevar as condições de vida das massas. Mas, louvado seja Deus, como é que se eleva seja quem for dando-lhe sempre mais do mesmo, cultivando a estupidez?! A ignorância, a pobreza, as terríveis condições de vida fazem a obra do Diabo. Numa casa que não é arejada e limpa todos os dias as pessoas perdem em dois ou três anos a capacidade de pensar ou agir de forma moral. A falta de oxigénio enfraquece a consciência. E deve haver uma grande falta de oxigénio em muitas casas desta cidade a julgar pelo facto de a maioria compacta ser suficientemente inconsciente para querer construir a prosperidade da cidade em cima de um pântano de falsidade e engano.

Sempre amei a minha cidade natal como só se ama o lar da nossa infância. A minha cidade natal é-me tão querida que preferia destruí-la a vê-la florescer sobre uma mentira. De que importa a destruição de uma comunidade se ela vive de mentiras? Deve ser completamente arrasada. Todos os que vivem na mentira devem ser exterminados como vermes! Vão acabar por infectar o país inteiro. Vão provocar um tal estado de

coisas que todo o país merecerá ser arruinado. E se as coisas chegarem a esse ponto eu direi do fundo do meu coração: que todo o país morra e que toda esta gente seja exterminada!

EPÍLOGO

(Chove sobre Petra. Ela coloca o capuz na cabeça)

Petra – *(off)* Ocasionalmente pode observar-se uma chuva distante e, nalguns casos, notar que quando estas regiões de precipitação são iluminadas directamente pelo Sol, se forma como que uma linha horizontal bem demarcada, acima da qual a precipitação parece brilhar muito mais do que por baixo. Qual será o elemento responsável por essa alteração de brilho?

FIM